

6

MIGRAÇÃO HAITIANA NO SUL DO BRASIL: AS PRÁTICAS RELIGIOSAS COMO REFÚGIO E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA**HAITIAN MIGRATION IN SOUTH BRAZIL: RELIGIOUS PRACTICES AS REFUGE AND IDENTITY AFFIRMATION**Marcele Scapin Rogerio⁴⁷

RESUMO: As manifestações religiosas dos migrantes haitianos estabelecidos no Sul do Brasil expressam a importância da vivência destas práticas no processo de mobilidade. No contexto analisado, as práticas religiosas atuam como refúgio e reforçam a identidade do grupo. O objetivo deste estudo é analisar as práticas religiosas como elementos de afirmação identitária no contexto migratório haitiano. Após evidências de que a religião é elementar para a maioria dos haitianos observados, restou confirmado que as práticas religiosas podem ser consideradas um ritual social, promovendo a coesão da comunidade, resgatando e reforçando a identidade haitiana. Este estudo é resultado de uma pesquisa etnográfica, realizada entre os anos de 2017 a 2020 no Vale do Taquari, nas cidades de Lajeado, Estrela e Encantado, no Rio Grande do Sul, região que atrai haitianos devido às oportunidades laborais, aliado às pesquisas bibliográfica e documental.

PALAVRAS-CHAVE: Migração haitiana; religião; identidade; igreja; ritual.

ABSTRACT: The religious manifestations of Haitian migrants settled in the South of Brazil express the importance of experiencing these practices in the mobility process. In the context analyzed, religious practices act as a refuge and reinforce the group's identity. The objective of this study is to analyze religious practices as elements of identity affirmation in the Haitian migration context. After evidence that religion is elementary for the majority of Haitians observed, it was confirmed that religious practices can be considered a social ritual, promoting community cohesion, rescuing and reinforcing Haitian identity. This study is the result of ethnographic research, carried out between 2017 and 2020 in Vale do Taquari, in the cities of Lajeado, Estrela and Encantado, in Rio Grande do Sul, a region that attracts Haitians due to its job opportunities, combined with bibliographical research. and documentary.

KEYWORDS: Haitian migration; religion; identity; church; ritual.

⁴⁷ Doutora em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Mestra em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Graduada em Direito pela Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. Docente do Curso de Direito na Sociedade Educacional Três de Maio - SETREM. Advogada. Assessora parlamentar na Câmara de Vereadores de Cruz Alta - RS. E-mail: cele_scapin@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2012, haitianos se estabelecem na região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, e são atores de um fenômeno migratório que, estrategicamente, pode ser pensado como sobrevivência familiar, onde o trabalho é uma “dimensão importante da mobilidade” (Joseph, 2015, p. 163). Mesmo que encontrem emprego no local em que pretendem se estabelecer, os desafios existenciais sofridos pelo migrante - como a culpa por deixar seus familiares no local de origem - são, muitas vezes, amenizados pela dimensão religiosa, que tem a “capacidade de oferecer ferramentas para dar sentido aos desafios existenciais da pessoa” (Silva, 2015, p. 99).

A proximidade com os migrantes haitianos, oportunizada pela pesquisa de campo realizada nas cidades de Lajeado, Estrela e Encantado entre os anos de 2017 a 2020, permitiu a observação de algumas práticas sociais, culturais e religiosas. As manifestações culturais e sociais expressam memórias que dão sentido à nova experiência, entre elas as práticas religiosas que atuam como suporte às experiências humanas e, no caso, às experiências migratórias.

Geralmente as pessoas que migram levam consigo sua religião, seus modos de realizar cultos. Outro fenômeno das migrações é a necessidade dos indivíduos em mobilidade de se reunirem em comunidade. Para isso a busca do sagrado e do religioso é comum, as práticas religiosas, no contexto analisado, podem ser consideradas como um ritual social. Os estudos teóricos e de campo ampliam as possibilidades de análise e, conseqüentemente, as reflexões sugerem que a religião é elementar para a maioria dos haitianos observados.

A intensa vivência da religião entre os haitianos instiga a pensar o objetivo do artigo: analisar as práticas religiosas como elementos de afirmação identitária no contexto migratório. Aliada a uma pesquisa etnográfica desenvolvida nas cidades de Lajeado, Estrela e Encantado entre os anos de 2017 a 2020, o que viabilizou a interação com os migrantes haitianos, como procedimento metodológico utilizou-se a investigação bibliográfica e documental. A pesquisa demonstra sua significância como possibilidade de contribuir às proposições teóricas e reflexivas do tema, renovando e aperfeiçoando o campo de formação do conhecimento e do senso crítico.

1 PODER E FOGO: A MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE DOS MIGRANTES HAITIANOS

Muitos dos haitianos estabelecidos nas cidades que compõem o estudo demonstraram ser sensíveis às questões religiosas. Além de identificar o grupo de migrantes, a religião pode ser elemento essencial no contexto migratório. A religião professada pelos haitianos é uma representação da coletividade, uma vez que a maioria se reconhece como evangélica. Há, no entanto, particularidades no modo como diferentes grupos de haitianos manifestam e vivenciam a fé, mesmo seguindo a mesma religião.

Foram criadas - por haitianos - duas igrejas evangélicas em Lajeado, as quais conquistam fiéis e hoje se constituem como locais de expressão da fé e de encontro dos migrantes, que ali realizam celebrações religiosas lideradas por haitianos, os quais celebram os ritos no idioma crioulo e francês. Essa constatação encontra respaldo na afirmação de Hirschman (2004), o qual menciona que os migrantes, após se estabelecerem em um local, mantêm ou renovam a fé religiosa e, para isso, buscam recriar a igreja e a fé de sua terra natal no lugar em que se estabelecem. Para Lussi (2013, p. 218), “a fé, em terra estrangeira, faz parte daquele pouco que não foi perdido e nem ficou distante com o fato migratório”.

As pesquisas de Warner (2000), Hirschman (2004) e Prencipe (2012) afirmam que, em contexto de mobilidade, a conexão religiosa pode se tornar mais fervorosa do que em relação àquela vivenciada no país de origem. Conforme Marinucci (2012), as experiências e os desafios suportados no processo migratório podem causar no migrante a redescoberta da sua religiosidade e, conseqüentemente, a prática de sua religião de origem mesmo àqueles que não a vivenciavam em seu país originário. Lussi (2013, p. 218) reforça dizendo que a fé “precisa ser reinventada, para garantir-se como continuidade dentro da experiência migratória”.

Dados da pesquisa permitem corroborar a afirmação dos autores antes mencionados pois, como informou um colaborador do estudo, “muitos dos haitianos que chegam aqui não praticavam a religião lá, mas eles chegam aqui e perguntam: para onde vou?”. Hirschman (2004) acredita que as práticas religiosas assumem novos significados após a migração. Parafraseando o autor, é possível, afirmar que os rituais religiosos e familiares aprendidos na infância, como ouvir orações em seu idioma de origem,

oferecem uma conexão emocional, especialmente quando compartilhados com outras pessoas.

Desse trecho do autor é possível fazer uma conexão com o que diz Bourdieu (1983) sobre a primeira socialização do indivíduo, a qual ocorre na família com as crianças observando e reproduzindo movimentos, falas, gestos. A partir dessas primeiras observações vai sendo constituído o *habitus*, que são as disposições que orientam determinadas práticas. A conexão emocional despertada por determinadas práticas sociais, no caso as práticas religiosas, diz respeito às condições subjetivas de cada indivíduo que, em determinados espaços sociais - no caso nas igrejas -, tendem a agir de determinado modo, no caso de acordo com as regras da igreja ou da religião. Nesse sentido, as práticas religiosas podem ser consideradas práticas sociais uma vez que são reproduções de comportamentos, no caso os mesmos manifestados no local de origem e que identificam o grupo pela origem comum. A religião e a religiosidade são, além disso, práticas transnacionais.

O processo de adaptação após a migração varia entre pessoa para pessoa, mas muitos migrantes buscam por significado e estabilidade em sua nova pátria em razão da separação da família, do idioma e da comunidade. A participação religiosa nas igrejas e os rituais, muitas vezes, preenchem o vazio psicológico e criam um senso de pertencimento e comunidade para os recém-chegados (Hirschman, 2004).

Como a maioria dos migrantes observados são adeptos da religião evangélica, muitas das igrejas que atuam como refúgio espiritual e conforto psicológico aos migrantes haitianos são pentecostais. Um pequeno grupo frequenta as igrejas católicas. Embora “alguns frequentem os cultos celebrados por pastores brasileiros, a maioria participa das celebrações evangélicas ministradas pelos próprios migrantes nos espaços cedidos por essas igrejas para o culto haitiano, com a autorização do pastor brasileiro” (Rogerio, 2023, p. 305).

Na cidade de Lajeado já foram criadas duas igrejas haitianas. A fundação dessas igrejas evangélicas haitianas pode ser explicada pela “necessidade de relacionamentos com os conterrâneos, pelo sentimento de pertencimento que o grupo coeso representa, pelo reconhecimento das características sociais, culturais, religiosas e linguísticas do grupo” (Rogerio, 2023, p. 305).

Além disso, representa a união de “sentimentos comuns” dos migrantes, a consciência do grupo que a compõe de que reunidos, agem em comum e cooperam

ativamente. Simboliza uma ação derivada de “ideias e de sentimentos coletivos” (Durkheim, 1978, p. 223). Ao acompanhar os cultos evangélicos nas igrejas fundadas pelos haitianos foi possível observar “normas de comportamento nelas, como o uso de traje social para homens e mulheres, homens e mulheres sentados em lados distintos do ambiente, reverência aos pastores e líderes; valorização dos cantos e louvores; o apreço ao matrimônio entre homem e mulher”. Além disso, são espaços religiosos que servem como refúgio espiritual e emocional (Rogerio, 2023, p. 305).

2 OS ESPAÇOS RELIGIOSOS COMO REFÚGIO NA VIDA DOS MIGRANTES HAITIANOS

Os espaços religiosos onde há refúgio espiritual e relações de convívio representam espaços de vivência religiosa onde os haitianos dão continuidade à religiosidade praticada no Haiti, ou até mesmo às crenças e práticas reconstruídas no processo migratório. Nos espaços físicos das igrejas os migrantes se reúnem para manifestar e vivenciar sua religiosidade, desenvolver práticas culturais religiosas e sociais vinculadas ao país de origem, como celebrações religiosas e casamentos. As igrejas e as religiões que nelas se professam revelam “a natureza religiosa do homem”, expressam religiosidade e manifestação divina. Os rituais e as crenças praticados nas igrejas traduzem uma necessidade humana, individual ou social, mas respondem às condições de existência humana de formas diferentes (Durkheim, 1978, p. 205-206). A resposta diferenciada às condições de existência humana que a crença confere à experiência migratória haitiana é observada no âmbito da atuação dos migrantes nas diversas igrejas por eles frequentadas como espaço de refúgio.

O horizonte religioso, muitas vezes, é a “pedra de solução” na vida dos migrantes em vista da difícil situação em que se encontram, seja porque estão “longe de casa, muitos sem emprego fixo e seguro, ausência de lazer e de círculos de amigos”. Nas igrejas, no processo de mobilidade, buscam substituir – ou suprir – a ausência da família, produzindo um “‘sentimento familista’, transcendendo os espaços físicos e transnacionalizando rituais, valores, tradições, crenças, pregações” (Tedesco, 2010, p. 13-14).

As religiões na diáspora são importantes no processo de integração dos migrantes:

A função da dimensão religiosa em contexto migratório é a capacidade de oferecer ferramentas para dar sentido aos desafios existenciais da pessoa. O migrante, em geral, deseja legitimar suas sofridas escolhas e compreender os acontecimentos biográficos que parecem contradizer suas expectativas. [...] A religião se torna uma bússola, um mapa que objetiva ordenar e dar sentido aos misteriosos acontecimentos biográficos. [...] Essa é a tarefa desenvolvida pela religião enquanto fonte de sentido (Silva, 2015, p. 99).

A religião atua como um recurso simbólico de sentido, onde os migrantes depositam em suas crenças as justificativas de suas escolhas e experiências pessoais, contrabalançando suas escolhas com as vontades divinas. O autor diz que os sentimentos experimentados pelos migrantes no processo de deslocamento, como medo, frustração, insegurança, são elementos que reforçam a busca da religião para suportá-los (Silva, 2015).

De acordo com Tedesco (2010, p. 06), para muitos migrantes “a Igreja passa a ser um grande ponto de referência para amenizar situações de limites em múltiplos horizontes”, além de “formar grupos de pertencimento e produzir um novo espaço de relações de convívios”. É possível perceber que a religião é um recurso simbólico que serve de alento e consolação às dificuldades e problemas suportados na experiência migratória.

As igrejas que correspondem ou se assemelham à identidade religiosa dos haitianos são as que possuem menos recursos para articular ações que requerem maior investimento financeiro. Nessas igrejas, a maioria evangélicas, há espaço para manifestação dos cultos, de manifestação cultural, espaços de convivência e de realização de cerimônias de casamentos.

Souza e Boing (2017, p. 08) referem que as manifestações e ações “de inserção religiosa desenvolvidas pelos migrantes haitianos” são “símbolos de fortalecimento de sua identidade, bem como manifestações de suas particularidades culturais”. Seguindo a ideia de Geertz (2008, p. 66-67), “os símbolos sagrados sintetizam o *ethos* de um povo, ou seja, ‘o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos’”. As crenças e os hábitos religiosos, nesse sentido, distinguem os haitianos dos habitantes brasileiros.

Dentre as igrejas observadas, os espaços religiosos que representam refúgio aos migrantes são, em Lajeado, uma das igrejas pentecostais da cidade e as duas igrejas pentecostais haitianas. Em Estrela, duas igrejas evangélicas brasileiras e a igreja católica (embora em menor número de adeptos) e, em Encantado, duas igrejas pentecostais brasileiras (Rogerio, 2023).

Enquanto em Estrela e Encantado as igrejas evangélicas cedem espaço para que os haitianos celebrem seus cultos – com exceção da Igreja Católica em Estrela, onde frequentam a missa juntamente com os brasileiros -, em Lajeado a pastora da igreja pentecostal, enquanto emprestava a antiga sede aos migrantes, percebeu, nos termos dela, “o espírito de liderança de dois haitianos”. A influência exercida por esses dois haitianos na comunidade religiosa despertou na pastora a possibilidade de torná-los pastores com a ordenação de ambos, o que se efetivou. Os dois haitianos ordenaram-se no início de 2017 e a auxiliavam nos cultos. Essa função desempenhada por eles agregou mais respeitabilidade e reconhecimento do grupo e, nos termos de Silva (2015), realça a importância do papel da religião para a integração dos migrantes.

O autor (2015, p. 101) diz que o fato de integrar algum grupo religioso favorece a abertura de espaço para os migrantes, os quais conquistam “apreço, reconhecimento e respeito também fora de suas comunidades religiosas”. Em se tratando de lideranças religiosas, o papel dos haitianos que foram ordenados ganha mais destaque. A ordenação foi uma possibilidade de crescimento e visibilidade oportunizada pelo envolvimento das lideranças nas cerimônias da igreja pentecostal.

Após alguns anos utilizando o espaço cedido pela igreja pentecostal, a comunidade haitiana se desvinculou da instituição religiosa. Os motivos que causaram a desvinculação não foram revelados, as diferenças, que podem ser muito mais do que litúrgicas (Pereira, 2017), podem ter ocasionado insatisfação dos migrantes, o que os motivou a decidirem se desvincular da instituição religiosa que os acolheu. Nos termos de um colaborador haitiano, “assim é melhor porque acima de nós não há mais nada, só Deus”.

Esse argumento sugere que havia uma hierarquia na igreja na qual deveriam se sujeitar. Demonstra, também, o protagonismo desses haitianos que buscaram se desvincular de um espaço “emprestado” para ter um local “próprio” para manifestarem suas práticas religiosas. Como expressa Levitt (2007) em seu estudo, a religião é uma das principais formas pelas quais a vida transcende as fronteiras nacionais, formando espaços de familiaridade e de reconhecimento entre compatriotas. Ademais, se acredita que os vínculos de pertencimento (Pereira, 2017) sejam fortalecidos com a união dos migrantes na expressão de sua religiosidade.

O nome da igreja fundada por esse grupo de haitianos é Igreja Evangélica de Jesus Cristo de Lajeado e o culto é presidido pelas lideranças que foram ordenadas pastores.

Durkheim (1978, p. 230) traduz que a sociedade sente “necessidade de conservar e de reforçar, em intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade”. A fundação da igreja haitiana representa “os sentimentos comuns” dos migrantes, a consciência do grupo que a compõe de que reunidos agem em comum e cooperam ativamente. Simboliza uma ação derivada de “ideias e de sentimentos coletivos”, uma vez que “a ação domina a vida religiosa apenas porque a sociedade é sua fonte” (Durkheim, 1978, p. 223).

Para a fundação formal da igreja estavam sendo elaborados os registros dos atos constitutivos e essenciais ao funcionamento. No local, além de cultuarem a religiosidade, há uma rede de apoio e acolhida aos migrantes, reproduzindo a assistência que receberam das instituições religiosas brasileiras quando aqui chegaram. Além disso, durante os cultos, há articulação de ideias e exposição das necessidades e demandas do interesse dos migrantes.

A outra igreja fundada por haitianos em Lajeado se denomina Igreja Haitiana Betel de Lajeado e surgiu após desentendimentos relacionados à documentação necessária para casar. Conforme narrativa de um haitiano colaborador e da própria pastora brasileira, um casal de haitianos na cidade, no ímpeto por casar porque a mulher estava grávida e diante das dificuldades burocráticas, forjou um documento não aceito pela liderança religiosa. A adulteração do documento foi reprovada pelos líderes haitianos, gerou um conflito e a cisão da “comunidade” de haitianos que frequentava a igreja evangélica brasileira, à época dos fatos. Parte dos membros de nacionalidade haitiana dessa igreja passaram a frequentar outro local de culto evangélico e, posteriormente, fundaram a Igreja Haitiana Betel de Lajeado.

As duas igrejas haitianas localizam-se, nos termos de Sayad (1998), em regiões com grande concentração de população de migrantes, confirmando a constatação de Spinelli, Braga e Scheibe (2018) de que moradia, trabalho e lazer, no caso a Igreja, concentram-se na mesma região em Lajeado, entre o Centro Antigo e o Bairro Moinhos. Para as autoras (2018, p. 390), a integração de elementos formou “uma centralidade simbólica e funcional para a comunidade”, de modo que “a solidariedade espacial é um elemento fundamental para a reiteration dos laços entre os membros da comunidade”. Complementando as análises de Sayad (1998, p. 84), as igrejas foram instaladas “na periferia das zonas urbanas”.

As manifestações religiosas nas igrejas haitianas despertaram a insatisfação de brasileiros que residem nas proximidades desses espaços religiosos. Um dos colaboradores informou que haviam recebido uma notificação do Ministério Público em vista de uma denúncia de perturbação do sossego feita por alguns vizinhos da igreja da qual frequentam. De acordo com os relatos, “eles reclamam do barulho, alegam que as nove da manhã é horário para dormir, se incomodam pois não podem tomar chimarrão tranquilos”.

O haitiano estava inconformado com as reclamações, não compreendia porque os vizinhos se sentiam incomodados uma vez que no local da igreja antes funcionava uma loja de som. Contou que mais de uma vez o pátio da igreja foi alvo de, nos termos dele, “dinamite que faz um barulho forte, tipo bombinhas, um carro passa pela rua e joga esses objetos no pátio, isso já aconteceu umas 04 vezes”, para assustar e amedrontar os frequentadores do culto. O motivo da insatisfação dos vizinhos pode ser mais do que o incômodo com os alegados excessos de barulho, mas estar relacionado à intolerância religiosa⁴⁸ quanto ao modo dos haitianos expressarem seus cultos, ritos e religião próprios.

Os dois grupos de religiosos haitianos professam a religião evangélica. As narrativas dão conta de que no Haiti já frequentavam igrejas desse segmento. Se percebe, no entanto, que há circularidade, ou seja, é comum que frequentem mais de uma igreja, inclusive de outras religiões. Conforme narrativa de um colaborador, “eles frequentam aquelas que se sentem bem e quando acham necessário visitam outra”, mesmo que seja de outro segmento (Rogerio, 2023).

A diversidade religiosa dos haitianos foi mencionada na pesquisa de Joseph (2015, p. 96), onde seus interlocutores expressavam combinação de elementos religiosos, o que “não implica fronteiras religiosas, ou seja, entre aqueles que se diziam vodunistas, alguns também faziam orações católicas ou carregavam objetos considerados cristãos”.

Essa circularidade entre igrejas, mesmo que de diferentes religiões, reforça a relevância da religiosidade na vida dos haitianos. Celebrar e expressar a crença no sagrado

⁴⁸ Possuir uma religião e exercer essa crença é um direito de todos os brasileiros e migrantes que moram no Brasil. Todos são livres para a praticar e professar a sua fé. Transcreve-se a redação do artigo 5º, inciso VI da Constituição Federal: “Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 1988).

é motivação à existência, inclusive na diáspora. No que se refere às religiões professadas no Haiti, Hurbon (1987, p. 13) menciona que “a Igreja Católica controla praticamente 95 por cento da população”. Joseph (2010, p. 155) endossa esse dado ao afirmar que de acordo com uma “antropóloga haitiana, 95% dos haitianos são católicos e 100% são voduístas”.

Richman (2008) revela que os rituais do vodu são comuns entre os haitianos na diáspora porque eles invocam seus *loas*⁴⁹ para proteção na viagem e realização dos seus objetivos. Inclusive, de acordo com a autora, relacionam o êxito do processo migratório à intercessão do seu *loa*, bem como a frustração da mobilidade como consequência do abandono do *loa*. Embora a expressividade religiosa do vodu entre os haitianos, as narrativas dos migrantes haitianos estabelecidos nas três cidades do estudo não confirmaram esses dados.

Os interlocutores negam a crença ao vodu, dizem que é “magia”. Na contramão do que as pesquisas científicas concluem sobre a corriqueira prática do vodu, entre os haitianos localizados nessa região ele não é, manifestamente, praticado (Rogerio, 2023, p. 306). Não se pode desconsiderar o vodu como elemento religioso e cultural do Haiti, pelo que se sugere, então, assim como descreve Hurbon (1987), a sua prática mas de maneira “clandestina” como estratégia de aceitação nessas cidades - onde predomina a influência europeia e cristã -, a fim de evitar o preconceito religioso, uma vez que já estão vulneráveis às rejeições relacionadas à cor, à classe social, à origem.

Hurbon (2001, p. 122) revela que mesmo no Haiti, em tempos atuais, muitos haitianos temem declarar que pratiquem o vodu. Isso representa “que o controle social e ideológico sobre a população ainda é forte, com o resultado de que *Vodou* continua sendo inaceitável”, principalmente sob a perspectiva de outras religiões, como a católica e a protestante. Apesar das evidências do voduísmo, o universo religioso haitiano entre os migrantes observados revela a influência do cristianismo.

O cristianismo, pela vertente do catolicismo, surgiu no Haiti no início da colonização europeia (Pereira, 2016). A “hegemonia europeia entrou em recesso” a partir do começo do século XX e os Estados Unidos exerceram forte influência política, econômica e militar (Rieth, 2016, p. 291-292). Hurbon (1987, p. 100) destaca que são as

⁴⁹ Conforme descrição de Joseph (2010, p. 15), “*loa* ou *hwa* ou *loi*: são as divindades ou espíritos do Vodou no Haiti”.

“classes mais desfavorecidas que se deixam atrair pelo protestantismo”, embora seja praticado em todos os estratos sociais (Hurbon, 1987).

A evangelização em crioulo, a instalação de igrejas em “bairros populares e na zona rural” e “a maior liberdade nas expressões religiosas que, assim como o vodu, valorizavam os cantos e o contato mais direto com a divindade” promoveram um grande crescimento do protestantismo (Pereira, 2016, p. 176-177). E assim os estadunidenses utilizaram o protestantismo como um dos meios para “melhor controlar o povo haitiano” (Hurbon, 1987, p. 100).

Resultado dessa influência religiosa protestante no Haiti se constata na religião professada pela maioria dos migrantes observados. São adeptos de religiões protestantes, sobretudo do movimento pentecostal que, de acordo com Rieth (2016, p. 294), veio a transformar-se em religião de massas no Haiti e Brasil. Hurbon (1987, p. 99) diz que as “seitas protestantes [...] exigem a conversão dos adeptos e rejeitam explicitamente o vodu”. Considerando esse dado do autor, é possível compreender a razão pela qual os haitianos residentes nas cidades pesquisadas negam a prática voduísta, “basta que alguém se diga protestante para provar que não tem nenhuma ligação com o vodu” (Hurbon, 1987, p. 99).

O autor diz que muitos adeptos do protestantismo negam o vodu, mas, no caso dos que se converteram, invocam os mesmos pedidos que faziam aos *loas*:

Para o novo convertido, não há extinção ou destruição do universo do vodu, mas um desmoronamento. A seita protestante em questão representa o universo do vodu pelo avesso, o oposto, em sua intransigência radical diante do vodu. A relação não é mais como no catolicismo, entre dominante e dominado. Quando os *loas* não oferecem aquilo que se espera deles, a agressão e a revolta tornam-se possíveis pela conversão ao protestantismo. Os *loas* representam o fracasso, o protestantismo, o êxito, e o praticante continua a pedir ao protestantismo o que pedia aos *loas*, ou seja: ficar livre das doenças, da infelicidade, participar sensivelmente ao sobrenatural, a comunhão humana. Ou seja, é precisamente quando o praticante abandona os *loas* que fica mais perto deles (Hurbon, 1987, p. 100).

Ao se considerar a afirmação descrita por Joseph (2010, p. 155) de que “100% dos haitianos são voduístas” e a expansão do protestantismo na sociedade haitiana, é possível que existam intensas relações entre as cerimônias evangélicas e as práticas do vodu, e dos adeptos entre si. De acordo com a pesquisa de Pereira:

A maioria das igrejas evangélicas haitianas, lideradas por pastores e missionários haitianos, não procura extinguir o vodu do contexto cristão, ao

menos não de forma incisiva. Para o pastor, algumas Igrejas fazem campanhas e promovem ações deliberadas contra o vodu, enquanto outras Igrejas sentem medo. Mas, em geral, pela sua característica espiritual, a Igreja haitiana considera que os voduístas não devem ser barrados da Igreja, mas ao contrário, é lá mesmo que eles devem ir. Isso não significa que eles não serão evangelizados a fim de tornar-se discípulos, e nem que não se espere que eles mudem comportamentos conflitantes com a crença cristã, mas a Igreja entende que isso é um processo e que sua atitude deve ser a de acolher. Não é raro encontrar membros das igrejas cristãs que frequentam os terreiros do vodu. Essas pessoas, para a Igreja haitiana, não são consideradas convertidas, mas continuam sendo membros da Igreja em processo de evangelização e discipulado (Pereira, 2016, p. 117).

A religião é elemento essencial na vida dos haitianos envolvidos na pesquisa, o que se confirma com o trecho destacado acima, uma vez que é possível a convivência entre correligionários de diferentes credos com o fim de estabelecer e fortalecer a ligação com o sagrado. Para Joseph (2010, p. 135), “um dos aspectos fundamentais da religião é celebrar o sagrado”.

Os possíveis elementos religiosos que convergem nas celebrações de diferentes ritos correspondem ao que Baptista (2012, p. 97) denomina de “mosaico no campo religioso haitiano”, ou seja, um “conjunto constituído por diversos fragmentos que formam uma imagem que se quer transmitir”. A religiosidade como elemento da existência manifestada por diversas religiões é o que compõe o mosaico proposto por Baptista.

Pereira (2017) em seu estudo observa que as experiências evangélicas de haitianos foram reorganizadas no contexto migratório, mas o vínculo com as comunidades religiosas de origem não se perde totalmente. Segundo a autora, “eles recriam novas experiências religiosas no espaço telúrico, formando e convivendo na sua fé em uma nova Igreja, composta por membros de diferentes denominações” (Pereira, 2017, p. 160). Nos cultos evangélicos, os haitianos expressam a vida coletiva e “desencadeiam “impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, a prova experimental de suas crenças” (Durkheim, 1978, p. 222-223).

A manifestação da fé e do sagrado é intensa entre os haitianos nas celebrações dos cultos. Eles expressam através do canto os sentimentos que, por meio de versos, traduz o que sentem. Os haitianos se “entregam” na cerimônia, cantam alto, louvam a Deus a todo momento, são fervorosos na sua fé. Dançam, se expressam, a música dos cantos é envolvente. Nos termos de Mézie (2016, p. 318) “a música é, ao mesmo tempo, produto e produtora de relações transnacionais, além de um vetor de um sentimento de pertencimento a uma comunidade transnacional”. Muitos dançam, choram, se ajoelham,

o extravasamento das emoções parece se relacionar com o sobrenatural, até alcançar o transe que termina na expulsão do que eles acreditam ser o “mal” ou o “diabo”.

Em um dos cultos foi possível observar a manifestação coletiva de “transes” entre os haitianos, tal qual como acontece nas igrejas evangélicas, em especial nas pentecostais e neopentecostais. Muitos dos que estavam nos cultos, principalmente mulheres, apresentaram manifestações sobrenaturais, como descontrole corporal, gritos, movimentos giratórios corporais, desmaios, olhos sobressaltados. O pastor intercedia estendendo a mão sobre a cabeça dos fiéis que apresentavam manifestação incomum e orava. Em vista da grande quantidade de haitianas e haitianos em possível “transe”, foi preciso que outros fiéis intervissem em oração (Rogerio, 2023, p. 309).

Decorrida mais de meia hora dessa manifestação coletiva, o agito, a inquietação, os gritos que se espalharam pela igreja se dissiparam, substituídos por um ambiente calmo e tranquilo, de concentração, comprovação da presença do sagrado. Pareciam regozijados pela demonstração de vitória de Jesus sobre a exteriorização do que eles chamam de “diabo” (Rogerio, 2023, p. 309).

O culto seguiu normalmente após esses episódios, porém uma mulher, jovem, ainda não tinha sido controlada: levada para perto da porta de entrada da igreja, foram necessários 05 homens para segurá-la devido à força física por ela revelada. Ao mesmo tempo em que a controlavam fisicamente, oravam por ela. Ao fim do culto ela já estava calma, mas parecia cansada. Segundo uma colaboradora haitiana, as manifestações sobrenaturais são “coisas do diabo, mas Jesus é maior” (Rogerio, 2023, p. 310).

Esse evento vem ao encontro do que Oro (2011, p. 384) distingue entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, que é a “ênfase atribuída ao exorcismo – baseada sobretudo nas teologias da guerra espiritual”, característica que surgiu a partir da década de 1970. As manifestações corporais, consideradas espirituais por alguns dos haitianos e haitianas que lá estavam presentes, se assemelham às manifestadas por brasileiros nos cultos em igrejas pentecostais e neopentecostais do país. Mariano (2004, p. 133) descreve que em igrejas brasileiras neopentecostais existem as “sessões espirituais de descarrego”, “experimento sincrético” entre certas crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros que convence e comprova aos fiéis como o poder da igreja “funciona na prática”, despertando a fé das pessoas.

A partir da experiência vivenciada nos cultos haitianos, porém, surgiu o seguinte questionamento: alguns elementos religiosos dos cultos evangélicos não seriam também

elementos do vodu, como as manifestações sobrenaturais? Seriam manifestações voduístas? Não se trata de questionar a veracidade das narrativas, mas de sugerir relações e sincretismos, mesmo que inconscientes, entre as celebrações religiosas. O sincretismo, que inclusive caracteriza o vodu, pode ser recorrente também nos cultos evangélicos conduzidos pelos haitianos na região. Aliás, essa pode ser a razão pela qual eles preferiram fundar sua própria igreja: ter liberdade para professar a religiosidade conforme a vivenciavam no Haiti (sem interferências e julgamentos de pastores e rituais brasileiros), com possíveis sincretismos entre o protestantismo e ou pentecostalismo/neopentecostalismo e o vodu, confirmando o mosaico sugerido por Baptista (2012) e o vodu como fenômeno social haitiano (Rogerio, 2023).

O espaço sagrado das igrejas haitianas foi criado para expressão da religiosidade, é o local onde os migrantes celebram as memórias religiosas do país de origem, se identificam em contato com o outro, se reconhecem. Os vínculos de pertencimento (Pereira, 2017) são fortalecidos com a união dos migrantes na expressão de sua religiosidade. No caso das igrejas haitianas fundadas em Lajeado, a religião atua como resgate à identidade, na igreja se sentem no Haiti. Nos termos de um colaborador, “na sua igreja se sente no Haiti, é como se estivesse lá. Os cultos são realizados em crioulo. O estrangeiro é o brasileiro na igreja haitiana” (Rogerio, 2023).

No que se refere à descrição de que o brasileiro é o estrangeiro na igreja haitiana, restou confirmada a declaração do colaborador: em um dos cultos observados, não houve a tradução do crioulo e do francês para o português como, habitualmente, era procedida em caso da presença de algum “visitante” brasileiro, como eles denominam. A sensação foi a de estar em outro país, propriamente no Haiti, e aí surgiu a compreensão ainda mais latente da representação das igrejas haitianas como fenômeno aglutinador e estruturante dos migrantes haitianos na diáspora. A religião enquanto prática social e transnacional restou confirmada.

Marcelino (2016) diz que a dificuldade com a língua portuguesa também é fator de motivação para que o haitiano prefira expressar sua religiosidade entre os seus compatriotas. A alegação da autora se confirmou na fala de um colaborador da pesquisa:

[...] uma igreja formada por haitianos é melhor porque podemos nos comunicar em crioulo e assim entender a palavra de Deus, porque nas igrejas brasileiras não “entendem” muito bem. Se o haitiano não entende, a palavra de Deus não entra no corpo, “a palavra tem que entrar no ouvido e entrar no corpo, passar no corpo”, ou seja, tem que ser sentida, de nada adianta somente ir e não entender e sentir a palavra de Deus (Diário de campo, 14/06/2018, p. 3).

Se depreende que o envolvimento com o espaço sagrado também envolve comunicação e sociabilidade, seja para as práticas religiosas, como também entre seus pares, o que fortalece as relações sociais entre os próprios migrantes. Mobilizando práticas religiosas e crenças vinculadas à cultura de origem, a religião se torna além de um fenômeno religioso, um fenômeno “social” para os haitianos, assim como afirma Durkheim (1978, p. 212).

Como descreve Lussi (2013, p. 352), “os migrantes não chegam vazios, trazem consigo uma ‘bagagem de fé’” que, no “decorrer do percurso migratório” pode ser reelaborada e provocar “mudanças na configuração da própria fé” ou consolidar “a própria bagagem, mesmo que seja na forma de uma alteridade que pede acolhida e direito de cidadania no novo contexto eclesial”. Embora se sintam mais aconchegados nas igrejas haitianas, não deixam de frequentar, eventualmente, as brasileiras quando sentem vontade (Rogerio, 2023).

O fato de duas igrejas evangélicas haitianas já terem sido fundadas nas cidades em que o estudo foi realizado, por dois grupos diferentes, induz à constatação de que existem diferenças entre os pontos de vista sobre a religião e, parafraseando Joseph (2017, p. 177), “sobre os pontos de vista dos haitianos e os pontos de vista deles mesmos”. Inclusive entre os migrantes haitianos pode haver diferentes modos de vivenciar a religiosidade e a religião porque mesmo que sejam da mesma comunidade nacional, com cultura e religião semelhantes, cada sujeito migrante tem suas peculiaridades, “são muitos pontos de vista e sentimentos imbricados no universo da mobilidade”, caracterizando a heterogeneidade no fenômeno da migração (Rogerio, 2023).

3 CONCLUSÃO

As dimensões de vida dos migrantes estruturadas em torno do significado de refúgio das igrejas traduzem condição de existência dos haitianos. A concepção religiosa do mundo perpassa o pensamento e a ação dos migrantes, fornece alento, sobretudo, aos aspectos emocionais e psicológicos das pessoas nos processos de mobilidade, sejam daquelas que migram quanto das que permanecem, visto que, de acordo com Joseph (2015), a mobilidade de alguns favorece à imobilidade de outros.

A religião atua como meio para vivenciar e reforçar a identidade haitiana. Seyferth (1997, p. 103) em seus estudos sobre migrantes europeus abordou que as igrejas “aparecem como instituições fundamentais para a manutenção das identidades étnicas” já que sua ação permite a continuidade do aprendizado da língua e dos costumes “de origem”. Isto é, na construção das identidades étnicas”. Semelhante constatação foi obtida nas observações com os haitianos e suas igrejas.

A fundação das igrejas evangélicas, precisamente, haitianas, pode ser explicada pela necessidade de relacionamentos com os conterrâneos, pelo sentimento de pertencimento que representa, pelo reconhecimento das características sociais, culturais e religiosas do grupo. Manifesta a liberdade de professarem a religiosidade, tal qual como a expressavam no local de origem, com possíveis sincretismos e ritos próprios. Reflete, inclusive, o protagonismo dos migrantes no modo de gerir a vida e sua trajetória pessoal e familiar.

As igrejas haitianas fundadas atuam como espaços de refúgio, onde há expressão e culto da religiosidade, sociabilidade, alento espiritual, emocional e psicológico e são locais em que os haitianos rememoram origens, afirmam sua identidade e onde há redefinição do pertencimento.

Como diz Marinucci (2012, p. 178-179), o migrante sente a necessidade de praticar sua cultura e memória e essa “dupla solidão” o fará “buscar uma comunidade que ofereça um espaço em que possa praticar, embora de forma parcial, a própria cultura e a própria memória”, e as “igrejas étnicas” suprem essa solidão. O papel social dos espaços religiosos enquanto refúgio resgata a convivência de conterrâneos na realização de cultos e nas práticas sociais, religiosas e culturais vinculadas ao Haiti, reforçando os vínculos de pertencimento à origem.

A prática da religião, por sua vez, é uma característica indissociável da vida da maioria dos migrantes haitianos localizados nas três cidades em que ocorreu o estudo. As práticas religiosas podem ser consideradas um ritual social, atuam promovendo a coesão da comunidade, resgatam e reforçam a identidade haitiana, aproximam o Haiti e dão sustento à prática social migratória. É uma prática social capaz de interagir e interferir no modo como os indivíduos haitianos conduzem sua vida. A liberdade religiosa, nesse contexto, assume a proporção de uma condição de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. *Sê tou melanje: uma etnografia sobre o mundo social do Vodou Haitiano*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. ORTIZ, Renato (Org.). Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 07 dez. 2023.

DIÁRIO DE CAMPO de 14/06/2018. Encontro com colaborador haitiano. Lajeado/RS. Acervo do Projeto de Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia hidrográfica do Taquari-Antas/RS: história, movimentações e desdobramentos socioambientais. Lajeado: Univates. 14 jun. p.3, 2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. I ed., 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HIRSCHMAN, Charles. The Role of religion in the Origins and adaptation of Immigrants Groups in the United States. **IMR**, v. 38, n. 3, p. 1206-1233, 2004.

HURBON, Laënnec. **Comprendre Haïti: Essai sur l'Etat, la nation, la culture**. Paris: Éditions Karthala, 1987.

HURBON, Laënnec. Current Evolution of Relations between Religion and Politics in Haiti. In: TAYLOR, Patrick (Org.). **Nation dance: religion, identity, and cultural difference in the Caribbean**. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, p. 118- 125, 2001. Disponível em: <<https://epdf.tips/nation-dance-religion-identity-and-cultural-difference-in-the-caribbean.html>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

JOSEPH, Handerson. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (doutorado) – UFRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

JOSEPH, Handerson. Diaspora. Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun., 2015.

JOSEPH, Handerson. Diáspora, refugiado, migrante: perspectiva etnográfica em mobilidade e transfronteiriça. **Soc. E Cult.**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 173-192, jul./dez., 2017.

JOSEPH, Handerson. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. In: Periplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações. **Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes**. FELDMAN-BIANCO, Bela; CAVALCANTI, Leonardo (Org.). Brasília-DF: UNB, v. 1, n. 1, p. 07-26, 2017.

JOSEPH, Handerson. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política. Pelotas: Universidade de Pelotas, 2010.

LEVITT, Peggy. Rezar por encima de las fronteras: cómo los inmigrantes están cambiando el panorama religioso. **Migración y Desarrollo**, p. 66-88, primer semestre, 2007.

LUSSI, Carmem. **Circularidade entre migrações e fé: reflexões sobre a alteridade na Igreja de comunhão**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2013.

MARCELINO, Bernadete Alves de Medeiros. **O imigrante haitiano e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em São Paulo: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MARINUCCI, Roberto. **A migração dos deuses: as migrações internacionais e a questão religiosa contemporânea**. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Emachines/Downloads/2011-Amigraodosdeuses-Livro-RobertoMarinucci.pdf> Acesso em: 31 jan. 2023.

MARINUCCI, Roberto. **As migrações dos fiéis e a mobilidades das religiões: um estudo sobre migrações internacionais e tradições religiosas**. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS. Águas de Lindóia- SP, 21 a 25 de outubro de 2012.

MARINUCCI, Roberto. Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório. **Estudos de Religião**, v. 26, n. 42, 169-191, jan./jun., 2012.

MÉZIÉ, Nadège. Emergência e ascensão dos protestantismos no Haiti: um panorama histórico. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 17, n. 29, p. 289-327, jan./jun., 2016.

ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 383-395, jul./set., 2011.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Bondye beni ou: lugaridades com haitianos evangélicos**. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2016.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. Haitianos evangélicos: lugaridades e experiência religiosa em Porto Velho-RO. In: Periplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações.

Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes. FELDMAN-BIANCO, Bela; CAVALCANTI, Leonardo (Org.). Brasília-DF: UNB, v. 1, n. 1, p. 160-183, 2017.

PRENCIPE, Lorenzo. A religião dos migrantes: entre os retrocessos segregacionistas e as possibilidades de nova coesão social. **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, ano VIII, n. 37, 2012.

RICHMAN, Karen. **Migration and Vodou**. Florida: University Press of Florida, 2008.

RIETH, Ricardo Willy. Reforma protestante, migração e diáspora na história latino-americana”. In: **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Org.). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, p. 284-302, 2016.

ROGERIO, Marcele Scapin. A religiosidade na diáspora: o mundo sagrado haitiano. **Estudos de Religião**, v. 37, n. 1, p. 291-314, jan./abr., 2023.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.

SILVA, Anaxsuell Fernando da. Práticas religiosas em contexto migratório: o caso da tríplice fronteira latino-americana. **Inter-Legere**, Natal-RN, n. 17, p. 89-104, ago./dez., 2015.

SOUZA, Sirlei de; BOING, Eliziane Meurer. A Imigração Haitiana em Joinville (SC) e as Estratégias de Inserção em Busca da Cidadania. In: **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba – PR, 04 a 09 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0725-1.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SPINELLI, Fabiana Braun; BRAGA, Andrea da Costa; SCHEIBE, Aline Cristiane. Integração socioespacial de imigrantes haitianos na cidade de Lajeado, Brazil: um estudo configuracional – análise da centralidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional - G&DR**, v. 14, n. 2, p. 371-397, jan. (ed. especial), Taubaté, SP, Brasil, 2018.

TEDESCO, João Carlos. As igrejas evangélicas e neopentecostais no cenário da imigração brasileira para a Itália. **34º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu-MG, 2010. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st21-5/1560-jtedesco-as-igrejas/file>>. Acesso em: 27 set. 2023.

WARNER, R. Stephen. Religion and New (Post-1965) Immigrants: Some Principles Drawn from Field Research. **American Studies**, v. 41, n. 2/3, p. 267-286, 2000.

Artigo recebido em: 02.02.2024

Artigo publicado em 20.08.2024.